

SIM, A PSICANÁLISE CURA!



Transmissão da Psicanálise

diretor: Marco Antonio Coutinho Jorge

J.-D. Nasio

SIM, A PSICANÁLISE CURA!

Tradução:

Eliana Aguiar

Revisão técnica:

Marco Antonio Coutinho Jorge

Programa de Pós-graduação em Psicanálise/Uerj

Título original:

¡Sí, el psicoanálisis cura!

Tradução autorizada da primeira edição argentina,
publicada em 2017 por Editorial Paidós,
de Buenos Aires, Argentina

Copyright © 2017, J.-D. Nasio

Copyright do prefácio © 2017, Gabriel Rolón

Copyright da edição em língua portuguesa © 2019:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1^o | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados,
nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados,
salvo os que forem propriedade da Zahar.

Revisão: Carolina Sampaio, Jorge Moutinho | Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

N2115 Nasio, Juan-David, 1942-
Sim, a psicanálise cura! / Juan-David Nasio; tradução Eliana Aguiar; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

(Transmissão da Psicanálise)

Tradução de: ¡Sí, el psicoanálisis cura!

ISBN 978-85-378-1839-8

1. Psicanálise. 2. Psicanálise – Estudo de casos. 3. Cura. I. Aguiar, Eliana. II. Jorge, Marco Antonio Coutinho. III. Título. IV. Série.

19-56514

CDD: 616.8917

CDU: 615.851.1

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

PREFÁCIO

A noite era fria e uma neblina incipiente flutuava sobre o rio. O táxi seguia pelas ruas de Paris e meu coração batia cada vez mais acelerado; não é sempre que a vida nos oferece a possibilidade de realizar um sonho. À minha esquerda deslizavam as pontes do Sena; à direita, o Museu do Louvre. Era certamente uma paisagem única, mas minha mente estava tomada por um eco distante; palavras de um autor que haviam me acompanhado durante todos os anos de minha formação profissional. De fato, ressoavam em mim como se eu tivesse podido interrogá-lo enquanto lia seus livros.

– Mestre, de que se ocupa a psicanálise?

– *A psicanálise ocupa-se de coisas simples, muito simples, que são também imensamente complexas. Ocupa-se do amor e do ódio, do desejo e da lei, do sofrimento e do prazer, de nossas palavras, de nossos atos, de nossos sonhos e fantasias. A psicanálise ocupa-se de coisas simples e complexas, mas eternamente atuais.*

Na minha ânsia de saber, virava as páginas e seguia perguntando:

– O que é o Complexo de Édipo?

– *O Complexo de Édipo não é uma história de amor e ódio entre pais e filhos. É uma história de sexo. Não tem nada a ver com sentimento e ternura, mas com corpo, desejo, fantasias e prazer. O Édipo é uma imensa desmedida. É um desejo sexual próprio de um adulto na cabecinha e no corpo de um menino ou de uma menina de quatro anos.*

– E o Inconsciente?

Imaginei-o sorrindo enquanto respondia com uma expressão travessa:

– *Saiba que o Inconsciente é, antes de tudo, uma curiosa memória.*

Na voracidade da minha leitura eu havia incorporado cada um de seus conceitos, e algumas vezes cheguei quase a ouvi-lo aconselhando-me a partir de suas obras:

– *Gabriel, para escutar um paciente você precisa estar perto dele. Sente-se na beira da poltrona e escute. Mas não apenas as suas palavras, vá mais adiante e perceba as tensões inconscientes que o fazem sofrer. Deixe que esta proximidade o mobilize... Anime-se a entrar em seu mundo psíquico e permita que ele lhe revele o conflito que causa sua dor.*

Lendo-o compreendi que a psicanálise é uma viagem que tem a angústia como ponto de partida e a descoberta de sua origem como destino final. Um caminho que, sem outra bússola além da palavra, dois aventureiros percorrem juntos, tendo por motores o desejo de saber e a paixão. O viajante recebe o nome de *paciente* e o companheiro de viagem é seu *analista*.

Todavia, este autor me levava a pensar que o profissional não é um acompanhante silencioso, que os dois são ao mesmo tempo timoneiro e remador, barco e mar; que o Inconsciente não pertence apenas ao paciente, mas é, antes, um mundo que eles constroem juntos. Entendi que o percurso de uma análise é sempre difícil, que muitas vezes é preciso vencer o impulso de parar e voltar ao ponto de partida – a esse lugar sofrido que é vivenciado como seguro. Heidegger já falara sobre isso: *O seguro não é seguro, é terrível.*

Concluí que se submeter a uma análise implica percorrer as páginas da própria história. É de lá que nos observam os nossos pais, a criança que fomos e aquelas cenas que, ocultas sob a névoa do esquecimento ou do recalque, escondem a chave que conduz

a uma verdade que pode nos transformar, tal como aos companheiros de Ulisses, em *homens* e aliviar a dor.

A leitura de seus trabalhos também me convenceu de que é indispensável estar disposto a entregar-se de corpo e alma para ajudar o paciente a empreender uma nova viagem. Uma viagem na qual, ao contrário da anterior e apesar das dificuldades da vida, ele conhece o destino que deseja alcançar.

Longe do estereótipo do analista mudo e ausente, cada página pedia que eu me comprometesse, que tomasse a palavra onde ela fizesse falta, mas especialmente que olhasse o paciente nos olhos e me deixasse percorrer sem culpa pela emoção que é gerada dentro do consultório.

E agora eu estava ali, prestes a conhecê-lo.

O carro parou diante de um edifício às margens do Sena. Eu me aproximei e toquei a campainha. Em poucos minutos, um homem de olhar cálido e sorriso generoso abriu a porta. Um desejo longamente acalentado se realizava: eu estava apertando a mão do dr. Juan-David Nasio.

Não pretendo narrar cada cena daquela noite inesquecível; direi apenas que foi muito parecida com um milagre.

Com grande entusiasmo, o Mestre percorreu Paris comigo e, no jantar que gentilmente me ofereceu, falou dos primeiros tempos de profissão, de sua relação com Enrique Pichon-Rivière e José Bleger, de sua chegada à França, de sua ligação com Jacques Lacan e até do projeto de um livro, no qual havia trabalhado o dia inteiro – o mesmo que agora tenho a honra de prefaciar. Teve, ademais, a deferência de interessar-se por mim com sincero afeto.

Hoje o começo de uma amizade nos une, mas posso dizer sobretudo que entendo sua obra muito melhor que antes. Porque comprovei que esse analista que tanto admiramos não é somente um *semblante*, é antes de tudo um homem. Uma criatura bondosa

que a cada dia se entrega com paixão inaugural à prática e à teorização da psicanálise.

Parafrazeando Octavio Paz, Nasio carrega o milagre de uma chama dupla: a do rigor, dada por seu destino francês, e a da proximidade afetiva, dádiva de sua argentinidade. Por trás das honras com que foi agraciado, ainda é possível reconhecer em seu olhar aquele menino que entrou pela primeira vez num hospital da cidade de Rosário para acompanhar o pai, médico abnegado, e que com ele aprendeu a sensibilidade diante do padecimento dos outros.

Não é possível ser um bom analista sem ser antes uma boa pessoa.

O pertencimento da psicanálise à ciência foi muitas vezes questionado. Os positivistas argumentaram que sua teoria e seus métodos não resistem à menor prova de laboratório. Hoje o dr. Juan-David Nasio enfrenta o tema e sentencia sem hesitar: *Sim, a psicanálise cura!*

O universo que esta obra percorre é o *Inconsciente*, lugar habitado por monstros que assustam muito mais que qualquer outra criatura porque vêm de nós mesmos e porque seus rostos se parecem demais com os das pessoas que amamos.

Sem dúvida o autor nos propõe um desafio inquietante: percorrer esses mundos obscuros e desconhecidos que nos fazem adoecer e que, no entanto, podem sucumbir diante do poder da escuta e da palavra de um analista.

GABRIEL ROLÓN

Buenos Aires, 04 de junho de 2017

SIM, A PSICANÁLISE CURA!

O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que pela primeira vez lançamos um olhar inteligente sobre nós mesmos.

MARGUERITE YOURCENAR

Transmitimos a nossos filhos mais o que somos do que o que dizemos.

J.-D.N.

Sim, a psicanálise cura! Como justificar semelhante afirmação? Percebi que minha experiência clínica e minha reflexão teórica se enriqueceram com o passar dos anos e que o número de pacientes que manifestavam sua gratidão depois de concluído o tratamento era cada vez maior. Hoje digo que posso e devo confiar plenamente na eficácia de minha longa e apaixonante prática psicanalítica, que não deixo de conceitualizar, ensinar e compartilhar com outros clínicos. É esta confiança que me leva a dizer, sem vacilar: Sim, a psicanálise cura! Evidentemente, nenhum paciente se cura por completo e a psicanálise, como todo remédio, não cura todos os pacientes nem cura de maneira definitiva. Sempre restará uma parte de sofrimento, um sofrimento irredutível, inerente à vida, necessário à vida. Viver sem sofrimento não é viver.

É útil destacar que a psicanálise, ao contrário do que sustentam seus detratores, demonstrou desde o início sua indiscutível eficácia no tratamento de numerosas afecções: transtornos de humor (depressões), transtornos de ansiedade (fobias), transtornos alimentares (anorexia, bulimia), transtornos obsessivo-compulsivos e muitas outras patologias que trazem nossos pacientes ao consultório.

A eficácia da psicanálise também se verifica no tratamento da depressão pós-parto e da neurose infantil, na resolução de conflitos familiares, conjugais e até profissionais, sem esquecer o papel de coterapeuta que o analista desempenha no tratamento das neuroses graves e das psicoses, trabalhando em colaboração com um psiquiatra, que prescreve a medicação. Mas façamos uma ressalva. Para que a psicanálise seja eficaz, é necessário que quem se analisa reúna as seguintes características: que sofra, que não suporte mais sofrer, que se interrogue sobre as causas de seu sofrimento e que tenha a esperança de que o profissional que vai tratá-lo será capaz de livrá-lo de seu tormento.

E um ajuste fino a respeito da palavra “curar”. Habitualmente, “estar curado” significa ter superado uma enfermidade. Decerto que a maior parte dos nossos pacientes não está doente no sentido médico do termo, mas sofre por estar em conflito consigo mesmo e com os demais. É justamente esse conflito interior e relacional que a psicanálise tenta fazer desaparecer. Em suma, e de um ponto de vista psicanalítico, alguém está curado quando consegue amar-se tal como é, quando é capaz de ser mais tolerante consigo mesmo e, portanto, mais tolerante com seu entorno mais próximo.

**1. COMO TRABALHO E AJUDO MEUS
PACIENTES A ENCONTRAREM A CURA.
O CASO DO HOMEM DE NEGRO**

Neste capítulo, tentarei permitir que você vivencie da maneira mais sensível a experiência essencial que um paciente deve atravessar para chegar à cura. É preciso ter em mente que essa experiência tão determinante pode ocorrer várias vezes durante um tratamento, sempre que eu me encontrar em contato direto e ativo com o inconsciente de meu analisando. Mas falar com você sobre essa experiência é falar da maneira como trabalho para acompanhar meu paciente até um novo nascimento. Acompanhá-lo não o levando pela mão, mas, como veremos, deixando nossos inconscientes interpenetrarem-se profundamente. Se você me perguntar como o psicanalista trabalha para levar seu paciente à cura, eu responderia sem vacilar: um psicanalista trabalha utilizando o melhor instrumento que tem a seu alcance, seu próprio inconsciente, que chamo de *Inconsciente Instrumental*. Mas como conceber que o inconsciente, uma instância tão imaterial e pessoal, possa ser um instrumento e, além disso, um instrumento destinado a escutar os pacientes e acompanhá-los até o desaparecimento de seus tormentos? **Estou convencido de que um psicanalista cura seu paciente graças não somente ao que sabe, ao que diz ou ao que faz, mas graças sobretudo ao que é e, mais ainda, ao que é inconscientemente.** Para além da escola a que pertence e da técnica que emprega, um psicanalista dispõe de um instrumento capital, delicado e incomparável: sua própria pessoa, ou seja, aquilo que ele é no mais profundo de si mesmo e que ignora. Isto é o inconsciente. O inconsciente é essa parte oculta de nós mesmos que determina o que somos e, quando atuamos como terapeutas, determina o

que somos diante do paciente que sofre. Em suma, o psicanalista trabalha e cura seus pacientes com seu próprio inconsciente, com seu **Inconsciente Instrumental**.

Mas atenção! O inconsciente com o qual o psicanalista trabalha não é o seu inconsciente pessoal em seu estado habitual, e sim seu inconsciente pessoal sublimado. Sim, nosso inconsciente de psicanalista é um inconsciente refinado, trabalhado e moldado por muitos anos de análise pessoal, por longos anos de prática, ou seja, por muitos anos nos quais, ao escutar nossos pacientes, aprendemos a dialogar com nós mesmos e a nos conhecermos melhor interiormente. Um inconsciente modelado, ademais, pelos intercâmbios regulares com um supervisor que nos ajuda, quando somos jovens praticantes, não apenas a resolver as inevitáveis dificuldades com que nos deparamos no exercício de nossa prática, mas também a afinar nossa sensibilidade de terapeutas. É também um inconsciente formado pelo estudo apaixonado e ininterrupto de uma teoria psicanalítica que nunca deixamos de recriar e de ajustar à clínica. Digamos, então, que um psicanalista trabalha e cura seus pacientes com seu inconsciente, seu inconsciente de terapeuta, um inconsciente flexível, receptivo e criador.

*Para ser eficaz,
um psicanalista
deve desenvolver
incessantemente duas
qualidades: uma fina
sensibilidade, que lhe
permita perceber os
movimentos ocultos
do inconsciente do
outro, e a arte de
deixar falar o seu
próprio Inconsciente
Instrumental.*